

CRÍTICA GENÉTICA: DO MANUSCRITO AO VIRTUAL A GÊNESE LITERÁRIA INICIA-SE NA RASURA

Eleonora Campos Teixeira (UENF)

norinhatli@yahoo.com.br

Marco Antônio Coelho (UENF)

maredumig@gmail.com

Pedro Lyra (UENF)

pedrowlyra@hotmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza (UENF)

chmsouza@gmail.com

A própria essência do trabalho literário não reside na apreciação das coisas já feitas, partindo do gosto, mas antes de um estudo preciso do processo de fabricação. (Maiakovski, 1984)

1. Introdução

O presente trabalho tem como foco a crítica genética, que consiste na análise da origem e das transformações de uma obra literária. Fazer crítica genética consiste na apreciação de uma obra em seu processo criador. A sua função primordial é analisar e interpretar. Analisamos o manuscrito e rascunhos, meticulosamente, pois estes são os objetos mais importantes de estudo do geneticista, que tem o objetivo de alargar, aprofundar o olhar. Enfatizamos a preocupação com estudos futuros de crítica genética, já que a era virtual ameaça a existência do manuscrito, o seu mais importante objeto de estudo. São abordadas também questões relativas à multidisciplinaridade e a virtualização da obra.

Buscaremos fazer um estudo meticuloso de como surgiram os estudos de crítica genética no Brasil e seu desenvolvimento pela Europa. Faremos um estudo desta ciência sob a ótica da Psicanálise, da Semiótica e da Filologia. Autores como Salles (2002), Willemart (2005), Calvino (1990), serão aqui mencionados com um suporte teórico, na medida em que elucidam traçados seguidos com o intuito de desvendar, conhecer este estudo genético.

2. *História genética*

Os estudos genéticos surgiram na França em 1968 com Louis Hay e Almuth Grésillon, que faziam um estudo da obra do poeta alemão Heinrich Heine. No Brasil ela só surgiria mais tarde, em 1985, com o “I Colóquio de Crítica Textual: o Manuscrito Moderno de Philippe Willemart”. Um percurso pela história nos mostra que muitos pensadores a exerceram sem saber, quando faziam relevantes estudos sobre a natureza de uma obra. Como diz Salles (2008, p. 10):

Como estamos lidando com uma nova abordagem para a obra de arte, a-credito que temos de ser muito rigorosos no que diz respeito à sua definição, para não estarmos dando à luz uma crítica que já nasce para ser criticada por suas fronteiras nebulosas.

Ao analisarmos o processo evolutivo dos estudos críticos, vemos como é fascinante o inusitado caminho percorrido por alguém que tenta conhecer integralmente uma obra desde a primeira rasura. Junto a esse interesse, enfrentamos a questão da preservação das obras literárias, do esforço dos escritores em fazer obra imortal, e nada torna uma obra mais viva do que estudar sua origem, seus percursos e percalços até a publicação e, algumas vezes, ou senão na maioria das vezes, em nosso século, a sua divulgação por meio da virtualidade. O conhecimento dos resultados é indescritível, porém o estudo do processo de realização da obra tem sempre primazia. O estudo literário passa a ser visto como o estudo do processo de construção de uma obra.

Quando a obra criticada é um poema, o geneticista tem um trabalho ainda mais complexo, já que lida profundamente com a percepção do momento da criação e todos os aspectos que envolveram as transformações ocorridas até que o autor desse a obra por concluída. A exemplo disso, incluirei um trecho do trabalho como geneticista sobre o “Soneto de Constatação-VI”, do poeta cearense Pedro Lyra, no livro *Desafio – Uma poética do amor*.

Na 6ª linha do soneto, o poeta escreveu na redação original:

girando nos subúrbios do universo.

Numa primeira rasura, ele emendou:

...a rolar nos subúrbios do universo,

O verbo no infinitivo “rolar”, substituiu o verbo no gerúndio “girando”, dando-nos a ideia de que o planeta Terra gira num espaço menos

importante do cosmos. Mais tarde, numa nova emenda conforme a primeira datilografia retocada, o poeta refaz o verso:

nos largando nos subúrbios do universo,

para só então concluir, na versão que seria a definitiva:

nos largando aos subúrbios do universo.

Por razão métrica (o verso contava 11 sílabas), a preposição por contração “nos” é substituída pela preposição “aos”, que elimina a sílaba excedente pela elisão com a palavra anterior (“largando”), terminada em vogal átona. Além disso, o poeta talvez não tenha querido a repetição do vocábulo “nos”, com classe gramatical diferente, já que no início do verso aparece como um pronome pessoal oblíquo, bem como por talvez não conseguir a sonoridade desejada.

Percebemos que o escritor faz rasuras na construção do seu texto, substituindo termos de forma a encontrar aquele que verbaliza exatamente o que quer dizer. As várias substituições feitas pelo autor demonstram a busca por encontrar a palavra que melhor expresse o pensamento.

Ao fazer crítica genética, é como se o geneticista dialogasse com os sentimentos do autor. Impossível não se envolver com a obra e despertar no estudioso um sentimento profundo que se transforma em admiração. Na medida em que acompanhamos o ato criador, pesquisamos, buscamos conhecer a obra na essência, quase que por algum momento nos consideremos coautores quando registramos o que o autor disse ou deixou subentendido. Embora não seja esse o papel do geneticista, isso se torna inevitável.

Com a evolução dos estudos e das práticas genéticas, todos os documentos e objetos que ajudaram na construção da crítica desenvolvida, que antes se intitulavam apenas como “manuscritos”, passaram a se chamar “documentos de processo”. O estudioso utiliza-se agora não tão somente de manuscritos, mas também de reedições, gravações, vídeos, de qualquer material que possibilite a exploração do texto a ser elucidado.

No caso do material para minha pesquisa de dissertação, lancei mão de manuscritos do grande poeta Pedro Lyra, que compreendia desde guardanapos a cartelas de bingos, além de maravilhosas anotações sobre seu estado de espírito, assim como cigarros consumidos e doses de *whisky*, vinho ou cerveja. Isso comprova o quão ligado à sua obra o autor está. A escritura de seus sonetos não se distancia da sua vida cotidiana, a

inspiração pode surgir em qualquer momento do seu dia ou em qualquer lugar onde esteja. Sua inspiração está presente nos momentos mais intensos e íntimos como relata Lyra, (*Desafio*, 3ª edição, p. 316) no depoimento sobre a gênese do livro:

Um dia – só para provocar a minha face mais frustrada: a do jogador que nunca fui – fui a um cassino, com uma bela garota alentejana. Inês – tinha que ser logo uma Inês, sendo eu um Pedro, e em Portugal! Fizemos um caixa único. De cara, bati um bingo: 200 dólares. Na mesma noite, larguei o apartamento pelo hotel onde ela estava hospedada. Dias depois, numa espetacular batida acumulada à bola 44, com as últimas cinco saindo em seguida, ela arrebatou um outro, em torno de US\$ 1.000. Outras batidas e cravadas, ao longo de três meses – e ganhamos mais uns US\$ 3.000. Compramos um carrinho – e aí foi um delírio além das órbitas. Apesar da mudança radical de situação, eu escrevia – entre um *full-hand*, um bingo, um *pass pair black/28* e um beijo – algum outro soneto: o “Lavragem-VIII” foi escrito com o papel sobre o ventre dela.

Isso ocorre porque um poeta escreve com a alma, ele está continuamente conectado à sua obra e respeita o momento da criação. O mais belo disso tudo é ver a obra nascendo em um momento mais inusitado e que o autor não desobedece ao instinto criador.

3. *Multidisciplinaridade genética*

A partir de meados dos anos 90, cresceu muito o interesse pelos estudos de crítica literária, então um momento interdisciplinar, onde algumas ciências abordaram a questão da genética com propriedade. Pesquisadores se dedicaram efetivamente ao estudo da crítica genética, uma prática científica que está estritamente ligada a diversas áreas como a linguística, a psicanálise e a análise do discurso. É a transdisciplinaridade com a diversidade de teorias que possibilita o conhecimento dos múltiplos ângulos da criação literária.

Todo esse trabalho exige muita dedicação e disciplina. Trilhar um caminho repleto de esboços, rasuras, metamorfoses é muito complexo e exige uma atenção e percepção minuciosa. Às vezes o geneticista assemelha-se a um arqueólogo ou historiador, quando busca, na genética, a origem da ideia, o surgimento do pensamento para a execução da obra. É magnífico pensar que o pesquisador detém nas mãos um material, algumas vezes de um autor morto, e vai escavando, buscando, descobrindo, pesquisando as raízes.

4. *Da inspiração à escrita – um processo semiótico*

A semiótica, palavra que vem do grego *semeion*, que significa signo, consiste no estudo dos signos e envolve tudo aquilo que vemos, pensamos e imaginamos sobre determinada coisa. O seu estudo aos moldes *peirceano*¹, afirma que todo pensamento se dá em signos, logo esse pensamento é a ampliação da noção de signo e, por consequência, da noção de linguagem.

Os signos usados pelo poeta Pedro Lyra em seu “Soneto de Constatação VI”, permite que se possa fazer um estudo semiótico dos versos, onde signos usados nos possibilitam captar a amplitude da ideia. Percebemos no soneto, que o poeta faz referência à natureza, à origem do homem quando diz:

...depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência de antropoides.

O poeta presenteia o leitor com a possibilidade da análise semiótica onde o verso, faz referência, a teoria evolucionista de Darwin. Foi necessário que se negasse o teocentrismo e se passasse a acreditar no evolucionismo. Aqui, fica evidenciado o valor científico. Assim, em vários momentos do soneto, é possível fazemos uma leitura semiótica. O geneticista então é levado a analisar a obra agora com valor de signos linguísticos que seria mais uma forma de olhar para o manuscrito.

Toda análise semiótica de um texto, de uma obra, é baseada em uma lógica incerta, já que parte do olhar do crítico, da sua percepção. Posso caracterizar esse processo como uma busca aventureira por um universo desconhecido.

As pesquisas aqui desenvolvidas caminham para uma singularidade do texto. Nenhum outro texto terá o mesmo caminhar, a mesma história sequencial dos acontecimentos que levaram a sua criação, o que torna o ato criador, singular.

Charles Sanders Peirce (1839-1914), cientista, matemático, historiador, filósofo e lógico norte-americano, é considerado o fundador da moderna Semiótica. Graduou-se com louvor pela Universidade de Harvard em química, fez contribuições importantes no campo da Geodésia, Biologia, Psicologia, Matemática, Filosofia. Peirce, como diz Santaella (1983: 19), foi um "Leonardo das ciências modernas". Uma das marcas do pensamento peirciano é a ampliação da noção de signo e, conseqüentemente, da noção de linguagem.

A análise semiótica nos permite delinear um texto com suas especificidades. O geneticista assemelha-se a um artesão que vai descobrindo, entalhando, fazendo dos signos imagens visíveis conscientes ou inconscientes. Como afirma Salles (2002):

A criação mostra-se como uma metamorfose contínua. É um percurso feito de formas em seu caráter provisório e precário porque hipotético. O percurso criador é um contínuo processo de transformação buscando a formatação da matéria de uma determinada maneira e com um determinado significado. Processo este que acontece no âmbito de um projeto estético e ético e cujo produto é uma realidade nova.

O processo criativo é algo complexo, já que vai além da vontade do autor, na medida em que a composição só terá sentido se apreciada, lida. Um texto, uma obra, algumas vezes, leva um tempo considerável até que lhe cheguem às palavras certas, até que encontre a medida exata para a sua construção ser considerada pronta, o que nos possibilita analisar as fases dessa escritura. É neste caminho percorrido que se dá a busca pela perfeição, a busca por encontrar a expressão exata. Toda essa preocupação do poeta se encontra em dois aspectos importantes. A satisfação pessoal, que seria a sua primeira necessidade, e a satisfação do leitor, que obterá realização cultural. O escritor só encontrará felicidade plena quando vir seu trabalho reconhecido.

Outro fator relevante para a construção de um autor é o momento em que vive. Os momentos em que vivencia solidão, angústia e tristeza, são os mais propícios às criações significativas. Algumas vezes o sofrimento impulsiona o escritor às mais belas obras. Ele vê nascer da dor, seus pensamentos mais complexos. Na tentativa de se erguer, promove as mais belas criações. Tantos signos desvendados fazem parte de um ajuntamento de emoções, algumas vezes inconscientes, que refletem em sua obra, seus momentos, suas angústias. O trabalho semântico é muito mais complexo que o linguístico. Segundo Salles (2002), “A arte é resultado da insatisfação humana”.

Existem fatos que caracterizam um autor, que só o geneticista percebe ao criticar uma obra. O leitor em sua leitura lúdica, acrítica, não percebe muitas vezes alterações feitas pelo autor, estilos de escrita, opções por formas que mais agradam.

Assim concluímos, conforme afirma Salles (2001), que a obra é permanentemente mutável. O autor possui a liberdade de movimentar seu texto fazendo as alterações necessárias que expressarem melhor suas ideias.

É neste sentido que discutimos a verdade artística (SALLES, 2001), que surge da própria trama da construção da obra e que, por estar inserida na continuidade do processo, não é absoluta nem final, mas sempre potencialmente mutável. Verdade que emerge da obra, sob o comando do grande projeto do artista.

5. *Da rasura à virtualização da obra*

Já existem escritores que escrevem suas obras nas páginas virtuais, em redes sociais, e dividem com o público leitor a sua criação, possibilitando assim alguns comentários. Porém esse texto já chega ao leitor acabado, pronto, sem gênese. Nesse momento, o escritor tem a medida exata da repercussão da sua obra. É quase instantâneo, ele não precisa esperar sua obra ser publicada e seu público leitor se manifestar de uma maneira mais demorada para saber o impacto da obra escrita. O olhar crítico do público leitor é relevante, na medida em que ele participa instantaneamente da obra ainda em construção ou já acabada. A opinião do leitor pode funcionar como uma rasura, o que sugere ao escritor uma releitura e, oportunamente, alguma alteração posterior. Porém não consiste em uma análise, já que esta exige tempo e elaboração tão acurada quanto à própria criação do autor.

Diferente do saber científico, que pode ser comprovado, o criador que se compraz em ver sua obra acolhida pelos outros, lida com a imprevisibilidade caso suas obras, mesmo publicadas, não venham receber a aprovação dos leitores, de um público que ele sonha permanente e universal. Concluimos que o uso indiscriminado do computador extinguiria a tarefa de um pesquisador da gênese literária, já que a possibilidade de “deletar” de um texto a rasura feita, impede o acompanhamento do processo e das partes de sua elaboração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Carlos Antônio de. A cada leitor seu texto: Dos livros às redes. Disponível em:

<<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=14712771011>>.

Acesso em: 26-06-2012.

BIASI, Perre Marc. A crítica genética In: BERGEZ, Daniel. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: Lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LYRA, Pedro. *Desafio – Uma poética do amor*. 3. ed. Fortaleza: Edufc; Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

RECUERO, Raquel [da Cunha] – *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/redessociaisnainternetre cuero.pdf>>. Acesso em: 26-06-2012.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética – Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo criação artística – Série Trilha*, EDUC, PUC-SP, 2008.

_____. Crítica genética e semiótica – Uma interface possível In: ZULAR, Roberto (Org.) *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: CAPES; FAPESB; Iluminuras, 2002, p. 177-201.

_____. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Anablume, 2009.

_____. O processo de criação de não verás país nenhum. *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s. 1, a. 5, n. 5, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Matrizes da linguagem e pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; GOMES, Maria Lúcia Moreira. *Educação e ciberespaço*. Brasília: Usina das Letras, 2008.

VAN DIJK LIMA, Sônia Maria. Manuscrito: objeto da crítica genética In: *Anais do IX Encontro da ANPOLL*, Vol. I. João Pessoa, 1995, p. 137-140.

SILVA, Márcia Ivana de Lima e. Crítica genética na era digital: o processo continua. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 43-47, out./dez. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/8552/6066>>. Acesso em: 26-06-2012.

ANEXO

SONETO DE CONSTATAÇÃO – VI

Nossa aventura é só decepção:
primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando
aos subúrbios do universo;
depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência
de antropoides;
logo após
suprimiram a liberdade
provando que se pensa
tal se vive;
no final
subjugaram a consciência
submetendo a vontade
a uma pulsão.
Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda
restava-nos
o Amor.
Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

(LYRA, Pedro. *Desafio – Uma poética do amor*. 3. ed. Fortaleza: UFC; Rio de Janeiro: Topbooks, 2002)